

Série carnavalesca I

Síntese

VILÉM FLUSSER

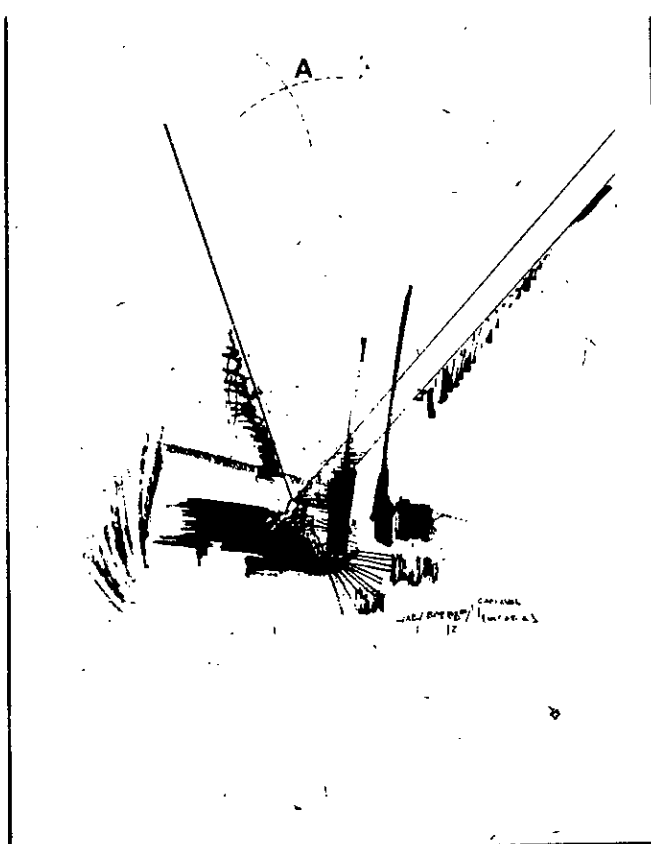
Por um período de poucos dias o curso do ano é interrompido para parcela apreciável da população brasileira. A correnteza histórica dos dias e das semanas passa a formar represa, chamada "Carnaval" e passa do tempo histórico para o tempo da eterna repetição do refrão sincopado. As máscaras, impostas pela história sobre a gente humilde, caem, e revelam a sua verdadeira face. O aparente ascensorista é revelado acrobata, a aparente vendedora de loja é revelada princesa. Rasgado o véu da história, aparece a verdade; o substrato a-histórico da sociedade brasileira. O seu "paganismo". A sua "negritude"?

Sem dúvida, o Carnaval, embora de origem "pagã", não é africano. Talvez seja fortemente adubado por elementos etruscos. O seu parentesco com os "Lupernalia" romanos o sugere. Como também o fato de ter ele triunfado, sob capa transparente cristã, no norte italiano renascentista é barroco. Em terras, portanto, etruscas. Quando resultou em Commedia de l'Arte, naquela precursora bem estruturada e no entanto improvisável do Happening, do Living Theater, e da Obra Aberta.

Mas o Living Theater não é Carnaval brasileiro. E embora os etruscos tenham um curioso sabor de sacralidade sensual e violenta, (que Lawrence captou e que pode lembrar o Niger), os fundadores das escolas de samba não são os etruscos. Muito mais o são as fraternidades tribais da costa ocidental africana. O Carnaval brasileiro síntese entre etruscos e bantus? Mas se o for, é síntese perturbadora.

A margem esquerda parisiense descobriu a África no começo do século, e procurou assimilá-la. Picasso "elevou" a África a-histórica ao nível da consciência histórica "branca". Esta a síntese picassiana: a história ocidental abarca a África com seu abraço. Não é a síntese carnavalesca. Nela a Grande Mãe África absorve a-históricamente a história do Ocidente. O caso de Picasso é este: o projeto ocidental, ao expandir-se, se abre ao Não-ocidente. O caso do Carnaval brasileiro é este; o projeto ocidental é absorvido, e deixa de ser projeto. E não é apenas o caso do Carnaval brasileiro. Também o é o caso de toda futura cultura brasileira, a ser porventura realizada.

Que as aparências não nos enganem. O Carnaval dos clubes burgueses não é Carnaval brasileiro. É Carnaval picassiano sem a originalidade e genialidade de Picasso. Como não é cultura brasileira o que atualmente assim se mascara. Porque o Carnaval brasileiro não é um pôr máscaras, mas um tirar máscaras, e as máscaras ocidentalizantes ainda não caíram da face da nossa cultura. O Carnaval ainda não veio. (A ilustração é de Gabriel Borba Filho).



Série carnavalesca — II

Máscaras

VILÉM FLUSSER

Os outros me vêm como sou, ou sou como me vêm: os outros? O difícil não é saber como me vêm os outros. Posso lê-lo, nos seus olhares. O difícil é descobrir quem sou eu. A sacrática recomendação do auto-conhecimento, e o mandamento shakespeariano de sermos fiéis a nós mesmos, impõem dura tarefa. Muito mais fácil é assumir-me tal como me vejo nos olhares dos outros. Por exemplo: os outros me chamam de subdesenvolvido em vias de desenvolvimento? Pois serei tudo isto "a outrance", e eis que me desenvolverei maravilhosamente. Desempenharei o papel que me foi imposto de fora maravilhosamente.

Vejam como o Japão conseguiu isto. O mundo o admira. A máscara ocidental lhe assenta tão bem, que até os olhos das ex-geixas já parecem "caucasianos". O "nequi-tai — neck tie", (e com ele o milagre econômico), triunfa. O Japão está a caminho do seu grandioso destino. A saber: o destino que lhe foi reservado pelos outros. Ao ter assumido a máscara, o Japão desistiu da difícil tarefa de encontrar-se.

Modelo japonês? Não: máscara japonesa. Mas não se pode andar mascarado impunemente por tempo indeterminado. Não se pode representar o papel de tecnocrata sempre impunemente, quando se é no fundo samurai, (ou pai de santo). Não se pode, porque uma surda sensação que brota do próprio núcleo vai desmentindo tudo. A sensação diz: Tudo isto está errado. Nada daquilo que faço me diz respeito. Não me diz respeito, porque eu não me respeito. E é nessa surda sensação que pode dar-se a descoberta do próprio eu. No nójo de si mesmo.

Não sei se há no Japão equivalente do Carnaval brasileiro. E duvido. Porque o Carnaval rompe periodicamente a mascarada. Periodicamente vastas camadas da população brasileira se descobrem. Assumem-se, não como os vêm os outros, (sub-proletariado), mas como são, (orgiasticamente festivos). Passam a viver, periodicamente, não papéis pré-determinados por outros, mas funções pré-determinadas pela sua própria estrutura. Isto é, passam a viver a verdade.

Os outros chamarão a isto, alienação coletiva. E sorrirão o seu sorriso jurístico condescendente. "Alienação", porque abandonam de uma realidade imposta por eles. Mas para os participantes do Carnaval, alienação é o resto do ano. Embora devam admitir, por força da "circunstância", (como se diz), que retomarão as máscaras impostas na quarta-feira de cinzas. Mas, dado o domingo, provavelmente não serão japoneses nunca. Quem o será, possivelmente, somos nós, os burgueses duplamente alienados, que usamos duas máscaras. (ou quicá nenhuma?).

(A ilustração é de Gabriel Borba Filho, especial para a "Série Carnavalesca").